

Relatório Atividades Orientadas de Ensino

Matemática - Licenciatura
Campus de Aquidauana



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE MATEMÁTICA - LICENCIATURA

O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E SUAS FRAGILIDADES

EDVALDO MARTINS DE LIMA
8º Semestre

Relatório das Atividades Orientadas de Ensino
apresentado ao Curso de Matemática –
Licenciatura como cumprimento da
Componente Curricular Não Disciplinar.

Prof. Orientador(a): Profa. Dra. Susilene Garcia
da Silva Oliveira

Aquidauana-MS
Mês de 2025

Sumário

1.	INTRODUÇÃO.....	4
2.	O CONTEXTO - AS INSTITUIÇÕES E SUAS CARACTERÍSTICAS	6
2.1.	A escola estadual Marechal Deodoro da Fonseca.....	6
2.1.1.	Falando um pouco dos professores de Matemática, nossos sujeitos.....	6
2.1.2.	Os alunos	7
2.1.3.	A turma em que trabalhamos	8
2.1.4.	O que foi trabalhado	8
2.1.5.	As impressões em relação ao objeto matemático.....	9
2.2.	A Escola Estadual Felipe Orro.....	9
2.2.1.	Falando um pouco dos professores de Matemática, nossos sujeitos.....	10
2.2.2.	Os alunos	10
2.2.3.	A turma em que trabalhamos	10
2.2.4.	O que foi trabalhado	11
2.2.5.	As impressões em relação ao objeto matemático.....	11
3.	UM CAMINHO TEÓRICO	12
4.	A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLAS.....	12
5.	ALGUMAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	14
6.	DESAFIOS ENFRENTADOS PELO ESTAGIÁRIO	14
7.	ANÁLISE CRÍTICA DAS PRÁTICAS OBSERVADAS	15

1. INTRODUÇÃO

Durante o desenvolvimento dos Estágios Curriculares Supervisionados I e II, no componente de Matemática, foi possível realizar uma imersão progressiva no ambiente escolar, o que contribuiu para uma compreensão mais abrangente sobre o processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina, bem como sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos no contato com determinados objetos matemáticos.

No Estágio I, cujo foco esteve voltado majoritariamente à observação e à ambientação no cotidiano escolar, não houve uma interação direta e sistematizada com os discentes no que tange à coleta de devolutivas formais acerca das dificuldades em Matemática. Contudo, esse primeiro momento foi fundamental para perceber aspectos estruturais e metodológicos do ensino, além de proporcionar uma visão inicial do perfil dos alunos, sua postura em sala de aula e o modo como interagem com os conteúdos e com os professores. A partir dessa observação, foi possível identificar indícios de desmotivação e certa resistência em relação à disciplina, ainda que de maneira indireta.

Esses indícios se manifestavam por meio da falta de participação nas aulas, da omissão diante de exercícios propostos e da dependência excessiva do professor para a resolução de problemas simples. Já no Estágio II, a participação mais ativa nas atividades pedagógicas permitiu uma aproximação efetiva com os alunos e favoreceu a coleta de devolutivas mais concretas.

A atuação em sala envolveu, além do acompanhamento das aulas regulares, a aplicação de atividades didáticas mediadas, com foco em conteúdos relacionados a frações. Foi nesse contexto que se evidenciaram, de forma mais clara, as dificuldades dos estudantes com esse objeto matemático específico. As dificuldades mais recorrentes referiam-se à compreensão limitada da fração apenas como "parte de um todo", sem que os alunos conseguissem relacionar esse conceito a outras representações numéricas, como decimais e porcentagens. Muitos demonstraram insegurança ao operar com frações, revelando dúvidas sobre equivalência, simplificação, comparação e soma de frações com denominadores diferentes. Também foi notável a dificuldade na conversão entre frações e decimais, o que prejudicava o desempenho em atividades que envolviam raciocínio proporcional e interpretação de gráficos e tabelas. Outro aspecto relevante observado foi a deficiência na leitura e interpretação de representações gráficas envolvendo frações. Grande parte dos alunos apresentava dificuldades em associar a representação pictórica à simbologia numérica correspondente. Essa lacuna sugere não apenas uma falha na apropriação do conceito, mas também na sua construção ao longo das etapas

anteriores do processo de escolarização. As devolutivas dos estudantes vieram à tona, sobretudo, por meio das dúvidas levantadas em sala, dos equívocos cometidos nas atividades escritas e, principalmente, das conversas informais travadas antes e após as aulas. Muitos verbalizavam, com certa frustração, frases como: "Não entendo onde usar isso", "Nunca sei qual número vai em cima ou embaixo na fração" ou ainda "Isso é muito difícil, só decoro para a prova".

Essas manifestações indicam que o conteúdo não estava sendo internalizado de forma significativa, apontando para a necessidade de uma abordagem pedagógica que favoreça a construção gradual e contextualizada dos conceitos. Diante disso, torna-se evidente a importância de se investir em estratégias de ensino que promovam a aprendizagem significativa, conforme proposto por Ausubel (2003), em que novos conhecimentos possam ser ancorados em estruturas cognitivas já existentes nos alunos. Utilizar situações do cotidiano que envolvam frações, como receitas, medições e porcentagens em promoções comerciais, pode contribuir para que os estudantes compreendam a aplicabilidade prática dos conceitos, desenvolvendo, assim, maior interesse e segurança na resolução de problemas. Além disso, a diversificação dos recursos didáticos — como o uso de material concreto, jogos, softwares educativos e atividades interativas — pode auxiliar na superação da visão mecânica da matemática, tornando o conteúdo mais acessível e menos abstrato. Também é fundamental considerar a heterogeneidade da turma e adaptar as intervenções pedagógicas às diferentes necessidades e ritmos de aprendizagem. Em síntese, as experiências vivenciadas nos Estágios I e II permitiram constatar que, embora as dificuldades dos alunos com frações estejam diretamente relacionadas ao conteúdo, elas também revelam lacunas metodológicas e pedagógicas que precisam ser enfrentadas. As devolutivas dos discentes, mesmo quando informais, são valiosas fontes de informação para o professor em formação, pois fornecem subsídios concretos para a reflexão crítica sobre a prática docente e a busca por soluções pedagógicas mais eficazes e humanizadas.

2. O CONTEXTO - AS INSTITUIÇÕES E SUAS CARACTERÍSTICAS

Ambas as experiências de estágio foram realizadas em escolas estaduais localizadas no município de Aquidauana/MS, em bairros residenciais, com estrutura razoável e inseridas em contextos comunitários semelhantes.

2.1. A escola estadual Marechal Deodoro da Fonseca

A Escola Estadual Marechal Deodoro da Fonseca, em Aquidauana, possui um histórico rico, tendo sido fundada há mais de 55 anos. A escola atende ao Ensino Fundamental e tem atualmente matriculados 426 alunos e no último IDEB (2023) atingiu 4,3 pontos. Tem uma estrutura física que compreende salas de aula, laboratórios, sala dos professores, coordenação, secretaria e direção. Possui quadras de esporte, sanitários e acessibilidade. É uma escola localizada em um bairro afastado do centro da cidade, e que atende crianças de situação sócio econômica heterogênea.

A Escola Estadual Marechal Deodoro da Fonseca é um importante ponto de referência para a educação e a cultura em Aquidauana, com um histórico que abrange décadas de ensino e desenvolvimento de jovens talentos, inclusive na área musical.

Seu corpo docente é composto por 38 professores que atendem os níveis I e II do ensino fundamental.

2.1.1. Falando um pouco dos professores de Matemática, nossos sujeitos.

A professora Gleice Souza Cruz é uma das quatro docentes responsáveis pelo ensino de Matemática na *Escola Estadual Marechal Deodoro da Fonseca*. É uma profissional dedicada, com uma trajetória marcada pelo compromisso com a educação e pelo respeito conquistado junto à comunidade escolar.

Formada em Matemática pela Universidade Federal do Estado de Mato Grosso do Sul, concluiu sua graduação há cinco anos. Desde então, vem atuando exclusivamente na escola Marechal Deodoro da Fonseca, onde desenvolve um trabalho consistente e de qualidade. Seu vínculo com a escola e com os alunos é notável, refletindo-se no bom relacionamento que mantém com as turmas e com os demais colegas de trabalho.

A professora Gleice leciona atualmente para as turmas do 6º ano “A” e “B”, e do 7º ano “B” e “C”, demonstrando versatilidade no atendimento a diferentes perfis de alunos. Para a realização do estágio supervisionado, foi ela quem selecionou a turma do 7º ano “C”, que conta

com 30 alunos entre 12 e 13 anos. Desde o primeiro contato, mostrou-se acessível, colaborativa e disposta a contribuir com a formação dos futuros profissionais da educação.

Sua prática docente combina métodos tradicionais e recursos tecnológicos, utilizando com frequência o quadro negro, o retroprojetor e o livro didático. Com uma postura organizada e atenta, inicia as aulas pontualmente às 07h, explicando o conteúdo de forma clara e objetiva, e, em seguida, propõe atividades que estimulam a participação e o raciocínio dos alunos.

A professora Gleice se destaca não apenas pela competência técnica, mas também pela sensibilidade no trato com os estudantes. Seu trabalho diário reflete um profundo respeito pela profissão e um genuíno interesse em contribuir para o desenvolvimento dos alunos.

2.1.2. Os alunos

A turma observada é composta, em média, por 23 a 24 alunos presentes por aula. Os estudantes demonstram certa agitação durante as atividades em sala, sendo necessário, em alguns momentos, que a professora intervenha com medidas como a troca de lugares entre alunos para evitar distrações e manter o foco da turma. Apesar disso, a maioria dos alunos acompanha as explicações e participa das atividades propostas, especialmente quando há envolvimento direto da professora na correção individual ou no esclarecimento de dúvidas.

Os alunos apresentam níveis variados de engajamento. Parte da turma demonstra interesse e empenho na realização das tarefas, como foi observado no momento em que a professora passou de carteira em carteira carimbando as atividades como forma de incentivo. Outros, no entanto, se mostram mais dispersos, principalmente durante momentos de explicação no quadro, o que exige atenção constante da docente para manter o controle da sala.

Em dias mais agitados, como observado em 17/05/2023, o comportamento coletivo da turma exigiu estratégias de manejo mais firmes, como o uso contínuo do quadro para conduzir a correção das tarefas em grupo. Ainda assim, a professora conseguiu manter o andamento da aula, mesmo diante da inquietação de alguns estudantes. É perceptível que os alunos respondem bem à presença constante da professora, especialmente quando esta adota abordagens mais próximas e individualizadas, como circular entre as carteiras ou conversar diretamente com os estudantes. De modo geral, a turma apresenta potencial de aprendizagem, embora demande constante orientação e estratégias para lidar com a agitação e garantir a participação efetiva de todos.

2.1.3. A turma em que trabalhamos

A turma observada é formada por alunos com faixa etária entre 12 e 13 anos, que demonstram um perfil típico da fase escolar em que se encontram: são curiosos, comunicativos e, ao mesmo tempo, apresentam certa dificuldade em manter o foco durante toda a aula. Em sala, a presença média é de 23 a 24 alunos, e o ambiente costuma ser agitado, exigindo constante atenção e manejo por parte da professora para garantir o bom andamento das atividades.

De modo geral, os alunos demonstram respeito pela figura da professora, ainda que em alguns momentos a agitação comprometa o ritmo da aula. É comum que haja conversas paralelas e dispersão durante as explicações, o que torna necessário o uso de estratégias como a troca de lugares ou intervenções diretas para retomar a ordem. Apesar disso, observa-se que a maioria dos estudantes realiza as atividades propostas, sobretudo quando há acompanhamento mais próximo e incentivo da docente.

Há uma participação razoável por parte dos alunos, especialmente nas atividades práticas ou nas correções coletivas. Quando estimulados individualmente, muitos demonstram interesse e buscam esclarecer dúvidas. A relação entre os colegas é, em geral, positiva, embora o excesso de interação social durante a aula possa gerar distrações frequentes.

A turma apresenta um bom potencial de desenvolvimento, mas demanda constância, firmeza e estratégias pedagógicas que conciliem disciplina e motivação. O trabalho da professora, com explicações claras, uso de diferentes recursos e atenção individualizada, contribui de forma significativa para manter o envolvimento dos alunos e garantir que o conteúdo seja absorvido, mesmo diante dos desafios comportamentais característicos da faixa etária.

2.1.4. O que foi trabalhado

Durante o período de regência, foram trabalhados com a turma dois conteúdos principais: expressões numéricas e transformações geométricas e simetria. A primeira aula, realizada no dia 02 de junho de 2023, teve como foco o conteúdo de expressões numéricas. A aula iniciou com a correção de exercícios deixados anteriormente, seguida da explicação teórica no quadro, com exemplos práticos. Os alunos demonstraram interesse inicial, participaram tirando dúvidas e realizaram exercícios propostos em sala, além de levarem atividades como tarefa de casa.

A partir da segunda aula, no dia 07 de junho, iniciou-se o estudo sobre transformações geométricas e simetria, conteúdo que se estendeu pelas demais aulas de regência. Esse tema foi

desenvolvido por meio de explicações no quadro, resolução de atividades do livro didático e correções coletivas. Em algumas aulas foi necessário retomar pontos já explicados, pois alguns alunos apresentaram dificuldades com o conteúdo. No decorrer das regências, observou-se que parte da turma estava engajada e demonstrava evolução, enquanto outros alunos, com menor participação ou que não realizavam as tarefas, tiveram mais dificuldades para acompanhar o conteúdo.

Na última aula, foi realizada uma revisão geral de tudo o que foi abordado durante as semanas anteriores, o que permitiu observar quais alunos haviam assimilado melhor os conceitos trabalhados. De forma geral, os conteúdos foram aplicados de maneira progressiva, com apoio da professora responsável e seguindo o planejamento elaborado previamente, respeitando o ritmo da turma e buscando adaptar a explicação conforme as necessidades observadas.

2.1.5. As impressões em relação ao objeto matemático

De modo geral, trabalhar com esses conteúdos permitiu não apenas desenvolver habilidades técnicas, como também estimular a compreensão mais ampla da matemática enquanto linguagem para descrever padrões, estruturas e relações. A experiência reforçou a importância de um ensino claro, gradual e articulado, que respeite o ritmo dos alunos e valorize o papel do professor como mediador da aprendizagem matemática.

2.2. A Escola Estadual Felipe Orro

A Escola Estadual "Felipe Orro" foi fundada em 3 de junho de 1988 e integra a Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul desde 1989. Localizada no Conjunto Habitacional Ovídio Costa, em meio a uma infraestrutura comunitária diversificada, a escola tem papel fundamental na formação educacional da região. Ao longo dos anos, passou por diversas melhorias estruturais e pedagógicas, como a ampliação de salas, reformas significativas e implantação de programas educacionais, como o Programa Mais Educação. Atualmente, funciona em regime integral como Escola da Autoria, oferecendo ensino do 6º ano ao 3º ano do ensino médio, consolidando-se como uma instituição de ensino comprometida com a qualidade e o desenvolvimento dos seus alunos.

2.2.1. Falando um pouco dos professores de Matemática, nossos sujeitos

Durante meu estágio, fui supervisionado pela professora Camila Carmona, uma profissional de 34 anos com sólida formação acadêmica e ampla experiência na área da educação. Formada em Matemática pela UFMS, campus de Aquidauana, Camila também possui pós-graduação em Metodologia de Ensino de Matemática e em Educação Matemática, além de formação em Engenharia de Petróleo. Com sete anos de atuação em escolas estaduais, leciona Matemática no ensino fundamental e médio, utilizando metodologias inovadoras que facilitam a aprendizagem dos alunos. Sua dedicação, competência e domínio dos conteúdos tornam suas aulas dinâmicas e eficazes, sendo uma referência inspiradora para minha formação docente.

2.2.2. Os alunos

Os alunos do 3º ano do Ensino Médio demonstram um perfil bastante comprometido e participativo. Com idades entre 16 e 17 anos, são adolescentes que, em sua maioria, apresentam boa capacidade de concentração e compreensão dos conteúdos. A turma é composta por 14 estudantes, o que permite uma maior atenção individualizada durante as aulas. Essa proximidade favorece o desenvolvimento de um ambiente acolhedor, em que os alunos se sentem à vontade para tirar dúvidas e interagir com o professor. Mostram-se respeitosos, atentos e engajados, com facilidade em acompanhar o ritmo das explicações, o que contribui para um bom aproveitamento pedagógico.

2.2.3. A turma em que trabalhamos

A turma do 3º ano do Ensino Médio se destaca pelo tamanho reduzido e pelo ambiente propício ao aprendizado. Com 14 alunos regularmente matriculados e presentes, a convivência em sala de aula é tranquila e colaborativa. A maioria dos estudantes pertence a famílias de classe média, o que, em geral, se reflete em uma estrutura básica de apoio aos estudos. As aulas ocorrem sempre às quartas-feiras, no 4º e 5º tempos, das 9h45 às 11h25, período em que os alunos costumam demonstrar foco e interesse. O bom relacionamento entre a professora e os alunos favorece a fluidez das aulas e a assimilação do conteúdo, resultando em um desempenho satisfatório da turma como um todo.

2.2.4. O que foi trabalhado

Durante o período de estágio supervisionado III, o conteúdo principal trabalhado em sala de aula foi o Princípio de Cavalieri, conforme sugestão da professora supervisora Camila. O estagiário teve total autonomia para desenvolver o tema com a turma, colocando em prática os conhecimentos adquiridos nos estágios anteriores. Foram realizadas ao todo 10 aulas, intercalando regências, observações, momentos de reforço e apoio pedagógico.

Nas primeiras aulas, o foco foi apresentar o conceito do Princípio de Cavalieri, explicando sua importância na geometria espacial e diferenciando-o de outros princípios, como o de adição e subtração de volumes. Já nas aulas seguintes, os alunos foram envolvidos em atividades práticas, com o objetivo de aplicar a teoria vista em exercícios contextualizados.

Para tornar as aulas mais dinâmicas e eficazes, o estagiário utilizou diferentes recursos didáticos, como o quadro negro, o datashow e listas de exercícios. Essa variedade foi pensada a partir das observações iniciais feitas em sala, buscando uma metodologia que favorecesse a participação dos alunos e a compreensão do conteúdo.

Com isso, foi possível consolidar o aprendizado sobre o Princípio de Cavalieri, promovendo a articulação entre teoria e prática e incentivando os alunos a reconhecerem a utilidade do tema também em situações do cotidiano.

2.2.5. As impressões em relação ao objeto matemático

As impressões em relação ao objeto de estudo, a Matemática, durante o estágio supervisionado III, foram extremamente positivas. A experiência proporcionou não apenas um aprofundamento nos conteúdos teóricos, mas, principalmente, uma vivência prática sobre como ensinar Matemática de forma clara, acessível e significativa aos alunos. O tema escolhido para ser trabalhado em sala foi o Princípio de Cavalieri, um conceito fundamental dentro da geometria espacial e que, apesar de sua complexidade teórica, mostrou-se bastante aplicável com uma boa abordagem metodológica.

Foi possível perceber que, quando o conteúdo é bem estruturado e apresentado com exemplos práticos, os alunos conseguem compreender com mais facilidade, mesmo se tratando de um tema abstrato. As aulas, que intercalaram explicações teóricas com atividades práticas, mostraram que a Matemática pode deixar de ser vista como um obstáculo para se tornar um campo de descoberta e interesse. A utilização de diferentes recursos, como quadro negro, retroprojetor e listas de exercícios, também contribuiu para a participação ativa dos alunos e para a fixação do conteúdo.

3. UM CAMINHO TEÓRICO

O ensino da Matemática no Brasil nas últimas décadas e em especial após a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tem passado por um processo de reflexão contínua, principalmente, quanto às questões curriculares, à postura do professor e ao planejamento e implementação da prática pedagógica.

A prática pedagógica no ensino de Matemática demanda, além do domínio dos conteúdos, uma compreensão aprofundada sobre os processos de aprendizagem e as estratégias didáticas mais eficazes para promover o desenvolvimento dos estudantes. Nesse sentido, a experiência do estágio foi sustentada por alguns indícios teóricos que orientam a construção do conhecimento em sala de aula.

Ausubel (2003) nos diz que a aprendizagem ocorre de forma mais efetiva quando novos conhecimentos são relacionados com estruturas cognitivas já existentes nos alunos. Essa concepção pode nos fazer olhar para os objetos de conhecimento de matemática e os conhecimentos prévios necessários, sua reorganização no processo de ensino. Além disso, quando pensamos em metodologias que priorizem a interação, a colaboração e o uso de recursos variados (materiais concretos, tecnologias, atividades práticas) pensamos na relevância do papel do professor como mediador o que nos faz lembrar de Vygotsky (1998) e suas contribuições na compreensão da importância da mediação no processo educativo.

Por fim, autores como Ponte (2012) e Barbosa (2001) reforçam a importância de se pensar o ensino de Matemática de forma crítica, valorizando a resolução de problemas e a contextualização dos conteúdos, com vistas à formação de sujeitos autônomos e reflexivos.

4. A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLAS

A experiência proporcionada pelo Estágio Supervisionado nos componentes curriculares de Matemática representou uma etapa marcante e extremamente significativa na minha formação docente. A vivência em diferentes contextos escolares permitiu não apenas aprofundar os conhecimentos sobre a prática pedagógica, mas também consolidar habilidades essenciais para o exercício da profissão de professor.

Ao refletir sobre o desenvolvimento das atividades, é possível afirmar que diversos aspectos contribuíram para o êxito do estágio. A relação colaborativa com os professores supervisores, a abertura das escolas em receber o estagiário e a autonomia concedida nas regências foram fundamentais para que as aulas se desenvolvessem de maneira fluida e

produtiva. A boa receptividade dos alunos e o planejamento alinhado às necessidades da turma também favoreceram o engajamento durante as aulas, especialmente nas atividades que buscaram conectar teoria e prática, como as realizadas com o Princípio de Cavalieri e transformações geométricas.

Por outro lado, alguns pontos poderiam ser melhorados. A gestão do tempo em sala de aula e a manutenção da atenção dos alunos mais dispersos ainda se colocam como desafios que exigem maior domínio de estratégias de mediação. Além disso, a adaptação de atividades para diferentes ritmos de aprendizagem poderia ter sido mais explorada, especialmente em turmas com maior heterogeneidade.

O impacto do trabalho foi percebido tanto na aprendizagem dos alunos quanto no meu próprio crescimento como futuro educador. Para os estudantes, as aulas planejadas com recursos variados e aplicabilidade prática ajudaram a desmistificar conteúdos considerados difíceis. Para mim, a experiência permitiu colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso, entender a importância da escuta ativa em sala e reforçar o papel do professor como mediador e facilitador da aprendizagem.

Entre as principais dificuldades enfrentadas, destacam-se a necessidade de lidar com o comportamento agitado de algumas turmas e a insegurança inicial diante da responsabilidade de conduzir uma aula de forma autônoma. Essas barreiras foram superadas com o apoio da professora supervisora, com a prática constante e com a observação atenta das dinâmicas de sala de aula, que permitiram ajustar as estratégias pedagógicas conforme as necessidades observadas.

Caso essa atividade fosse realizada novamente, buscaria planejar intervenções ainda mais diversificadas, com maior uso de recursos interativos e maior personalização das atividades conforme os níveis de aprendizagem identificados. Também investiria mais tempo no preparo de instrumentos de avaliação diagnóstica para melhor mapear as dificuldades dos alunos desde o início da prática.

Em síntese, o estágio foi um momento essencial para compreender, na prática, os desafios e as possibilidades do ensino de Matemática. A vivência direta com os alunos, o contato com diferentes perfis de turmas e a autonomia para conduzir aulas me proporcionaram uma visão mais clara e madura sobre o papel do professor na construção de uma educação significativa. Essa experiência reforçou minha convicção sobre a relevância da formação docente comprometida com a realidade escolar e com o desenvolvimento integral dos estudantes.

5. ALGUMAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Durante o desenvolvimento das atividades de regência nas duas instituições, foram aplicadas diversas propostas pedagógicas com o objetivo de fortalecer a compreensão dos alunos e promover o desenvolvimento de habilidades matemáticas.

Na Escola Estadual Marechal Deodoro da Fonseca, foram realizadas atividades focadas em expressões numéricas e transformações geométricas e simetria. Os alunos participaram de exercícios de fixação, correções coletivas e tarefas práticas, utilizando recursos como quadro negro, material didático e atividades escritas. Houve também a aplicação de desafios matemáticos para estimular o raciocínio lógico, e a professora supervisora acompanhou de perto as atividades, oferecendo orientações constantes.

Na Escola Estadual Felipe Orro, as atividades desenvolvidas concentraram-se no estudo do Princípio de Cavalieri. O tema foi abordado de maneira teórica e prática, com atividades que estimulavam a visualização de figuras espaciais, discussão de situações-problema e aplicação do conceito em exercícios contextualizados. Utilizou-se o quadro, datashow e listas de exercícios personalizados. Além disso, foram realizadas dinâmicas em grupo, com o objetivo de promover a cooperação entre os alunos e facilitar a compreensão do conteúdo.

Essas atividades permitiram não apenas a aplicação dos conceitos, mas também o desenvolvimento de estratégias de ensino diferenciadas, de modo a atender as necessidades e especificidades de cada turma.

6. DESAFIOS ENFRENTADOS PELO ESTAGIÁRIO

Durante o percurso dos Estágios Curriculares Supervisionados I, II e III, diversos desafios foram enfrentados, tanto de ordem pedagógica quanto interpessoal e organizacional. Esses obstáculos, embora por vezes geradores de insegurança inicial, foram fundamentais para a construção de uma prática docente mais consciente, reflexiva e comprometida com a realidade escolar.

Um dos principais desafios foi a gestão da indisciplina e da agitação em sala de aula, especialmente com turmas maiores e mais heterogêneas, como a do 7º ano “C” na Escola

Estadual Marechal Deodoro da Fonseca. A dispersão dos alunos, conversas paralelas e dificuldade de concentração comprometeram, em alguns momentos, o ritmo das aulas e exigiram a adoção de estratégias de manejo mais firmes, como mudança de lugares, intervenções pontuais e maior proximidade na condução das atividades.

Outro desafio significativo foi a adaptação das atividades às diferentes realidades de aprendizagem. A heterogeneidade das turmas se revelou tanto nos conhecimentos prévios quanto nas formas de compreensão dos conteúdos. Essa diversidade exigiu constante revisão das estratégias, uso de recursos variados e atenção individualizada. Ainda assim, em algumas situações, sentiu-se a limitação do tempo para atender de forma plena todos os estudantes.

A insegurança inicial quanto à regência das aulas também foi um obstáculo a ser superado. Conduzir turmas de forma autônoma pela primeira vez trouxe à tona o medo do imprevisto, o receio de não alcançar os objetivos planejados e a preocupação com a clareza na transmissão do conteúdo. Com o apoio das professoras supervisoras, esse desafio foi sendo superado gradativamente, dando lugar à confiança e à consolidação de uma postura mais segura em sala.

Além disso, houve desafios relacionados à organização do tempo didático, tanto na execução das aulas quanto no equilíbrio entre conteúdo e atividade prática. Em alguns momentos, a quantidade de conteúdo planejada precisou ser reduzida ou adaptada conforme o andamento das turmas.

Por fim, vale destacar a dificuldade em obter devolutivas mais sistematizadas dos alunos, principalmente nos primeiros estágios. A ausência de instrumentos formais de diagnóstico, aliada ao caráter mais observacional do Estágio I, tornou mais desafiador identificar com precisão as lacunas de aprendizagem. Isso reforçou a importância de se investir em avaliações diagnósticas contínuas e estratégias de escuta ativa.

Esses desafios, longe de representar obstáculos intransponíveis, foram transformados em oportunidades de crescimento, levando a um amadurecimento na prática docente e ao desenvolvimento de competências essenciais para o exercício futuro da profissão.

7. ANÁLISE CRÍTICA DAS PRÁTICAS OBSERVADAS

A observação das práticas docentes nas duas instituições visitadas permitiu uma análise crítica de aspectos relevantes da realidade escolar e do exercício do magistério em Matemática. Em ambas as escolas, foram notadas características comuns e contrastes que enriqueceram a experiência formativa.

Na Escola Marechal Deodoro da Fonseca, a atuação da professora supervisora demonstrou organização, clareza nas explicações e comprometimento com os alunos. No entanto, observou-se uma predominância de práticas mais tradicionais, centradas na exposição no quadro e na resolução de exercícios do livro. Embora eficazes em certos momentos, essas estratégias nem sempre garantem o engajamento pleno dos alunos, especialmente daqueles que apresentam dificuldades ou desmotivação. Houve momentos em que faltaram intervenções mais diversificadas e lúdicas, que poderiam ter explorado melhor os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem dos alunos do 7º ano.

Já na Escola Felipe Orro, a atuação da professora supervisora revelou metodologias mais inovadoras, com uso de recursos tecnológicos e práticas interativas. A autonomia concedida ao estagiário favoreceu o planejamento de aulas dinâmicas sobre o Princípio de Cavalieri, combinando teoria e prática. A turma, composta por alunos mais maduros e em menor número, respondeu bem às propostas, demonstrando compreensão e interesse.

Ainda assim, tanto nas duas instituições quanto nas experiências de regência, ficaram evidentes desafios comuns, como a gestão do tempo, o enfrentamento da desatenção em sala e a adaptação das atividades à heterogeneidade das turmas. Em algumas situações, a ênfase excessiva em exercícios mecânicos dificultou a mobilização de raciocínio matemático mais aprofundado, o que revela a necessidade de buscar um equilíbrio entre técnica e significado.

Essa análise permite concluir que, apesar dos esforços dos docentes em promover um ensino de qualidade, ainda há espaço para ampliar o uso de metodologias ativas, recursos didáticos variados e práticas que estimulem a autonomia dos estudantes. Refletir sobre essas questões é essencial para a construção de uma prática docente mais crítica, sensível e responsiva às demandas da sala de aula.

8. REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio supervisionado foi uma experiência enriquecedora e transformadora, que contribuiu significativamente para a construção da minha identidade docente. A oportunidade

de vivenciar o cotidiano escolar, planejar e executar atividades pedagógicas, além de observar práticas de professores experientes, permitiu-me compreender com mais profundidade os desafios e as potencialidades da profissão.

Entre as aprendizagens mais relevantes, destaco a importância do planejamento detalhado, da flexibilidade para adaptar as atividades ao perfil dos alunos e da necessidade constante de refletir sobre a prática pedagógica. Compreendi que o professor não deve apenas transmitir conteúdos, mas atuar como mediador do conhecimento, criando ambientes de aprendizagem estimulantes e acolhedores.

Caso tivesse a oportunidade de refazer o estágio, investiria ainda mais em estratégias diversificadas, como jogos matemáticos, tecnologias educacionais e situações-problema contextualizadas. Também buscaria desenvolver atividades de avaliação diagnóstica mais eficazes, de forma a identificar e atender com maior precisão as dificuldades dos alunos.

9. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O estágio supervisionado permitiu consolidar diversos conhecimentos adquiridos ao longo da graduação e ampliou minha compreensão sobre o papel do professor na formação dos alunos. A experiência prática evidenciou a importância de uma abordagem pedagógica humanizada, que valorize a escuta ativa, a adaptação das estratégias de ensino e o uso de recursos diversificados.

Os desafios enfrentados — como o manejo da indisciplina, o controle do tempo e a adaptação dos conteúdos — trouxeram importantes reflexões sobre a necessidade de aperfeiçoamento contínuo e de desenvolvimento de competências emocionais, além das habilidades técnicas.

O estágio reforçou a convicção de que o ensino de Matemática deve ir além da repetição mecânica de procedimentos, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada. A partir dessa vivência, sinto-me mais preparado para atuar na Educação Básica, com uma postura crítica, ética e comprometida com o desenvolvimento integral dos estudantes.

10. REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David Paul. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. Lisboa: Plátano Editora, 2003.

BARBOSA, João Luiz André. *A resolução de problemas como estratégia de ensino: fundamentos e aplicabilidade*. São Paulo: Ática, 2001.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Brasília, MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 jul. 2025.

PONTE, João Pedro da. *Investigação e formação de professores: que desafios?*. In: GTI – Grupo de Trabalho Identidade. *Conceitos-chave da Didática da Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

